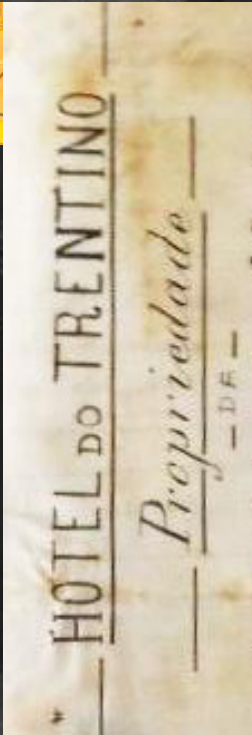
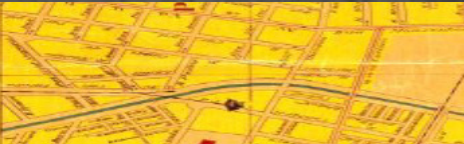




Habitação Popular: Cortiços em São Paulo (1890-1940)





UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan

Vice-Reitor Antonio Carlos Hernandes



PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pró-Reitora Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

Pró-Reitora Adjunta Margarida Maria Krohling Kunsch



Biblioteca Brasileira *Guita e José* **Mindlin**

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

Diretor Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron

Vice-Diretor Alexandre Luis Moreli Rocha



COORDENADORES

Alexandre Macchione Saes

Antonia Terra de Calazans Fernandes

EQUIPE 3 VEZES 22

Bruna Martins, Franklin Pontes,

Giovane Direnzi, Guilherme Dvulactha,

Leticia Scupinari, Norberto de Assis e

Stephany Barbosa

EQUIPE LEMAD-USP

Adriano Sousa, Isabella Oliveira Cafer,

Luísa Klautau Corrêa da Silva e Mariana

Meneses Fernandes

CAPA

Norberto de Assis

ARTE E ILUSTRAÇÃO

Norberto de Assis

DIAGRAMAÇÃO

Norberto de Assis

REVISÃO

Isabella Oliveira Cafer, Marcelo Correia,

Mariana Meneses Fernandes e Victor

Pastore

DIREÇÃO DE ARTE

Norberto de Assis

CURADORIA

Isabella Oliveira Cafer, Marcelo Correia,

Mariana Meneses Fernandes e Victor

Pastore

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Rua da Biblioteca, 21, Cidade Universitária, São Paulo, SP CEP 05508-065

bbm.usp.br/publicacoes EMAIL bbm@usp.br TEL: 11 2648-0310 / 11 3091 - 1154

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Endereço: Avenida Professor Lineu Prestes, 338 - São Paulo/SP - CEP: 05508-000

Secretaria: (11) 3091 0308 / (11) 3091 0298 - Funcionamento: 09h às 21h (flh@usp.br)



Apresentação



O que são as datas?...

Datas são pontas de icebergs...

Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos dos personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e números.
(...)

BOSI. O tempo dos tempos. NOVAES, Adauto. Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 19.

1822, 1922, 2022...

3 vezes 22... são datas que interligam tempos e acontecimentos demarcados por relevâncias históricas. Alcançar os 200 anos de formação de um Estado nacional é certamente um relevante marco para produzir necessárias reflexões sobre sua trajetória constitutiva e sobre o que se almeja como futuro. No dia 7 de setembro de 1822 o Brasil declarou sua Independência de Portugal, iniciando o projeto de construção de uma sociedade autônoma politicamente, mas sem conseguir romper com todas as profundas raízes de seu passado colonial.

Por sinalizarem pontos no tempo, as datas podem ser preenchidas com as mais diferentes vivências e recordações, revistas em seus significados, questionadas em suas atribuições. É nesse sentido que o projeto 3 vezes 22, constituído na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – BBM, da Universidade de São Paulo, parte das datas dos eventos com o objetivo de produzir conteúdo e iniciativas para estimular análise crítica em torno dos contextos das celebrações do bicentenário da Independência do Brasil, do centenário da Semana de Arte Moderna e da projeção de futuro delineada para 2022.

Os Kits 3 vezes 22 foram produzidos em conjunto com o Laboratório de Ensino e Material Didático – LEMAD, do Departamento de História da USP. O material incorpora documentos históricos de diversificada tipologia (cartas, pinturas, jornais, imagens, mapas, entre outros), um texto de orientação e contextualização direcionado ao professor e sugestões de questões para serem trabalhadas com os/as estudantes. Os kits oferecem, nesse sentido, material didático para docentes e estudantes com propostas para interpretar e intervir no debate envolvendo as celebrações de 2022.

Por meio da documentação primária, selecionada a partir de indagações históricas contemporâneas, os alunos poderão entrecruzar as temporalidades de 1822-1922-2022, confrontando as continuidades e rupturas de diferentes vivências na sociedade brasileira; terão oportunidade de confrontar versões canônicas da história do Brasil com eventos negligenciados por nossa memória coletiva; e, enfim, serão convidadas a fazer aproximações com experiências de vida de personagens e de suas produções, que são pouco conhecidas, mas que contam histórias valiosas, de como suas ações no passado projetavam alternativas para o futuro.

Em suma, os Kits 3 vezes 22 se inserem na preocupação de nossa historiografia de reescrever a história do Brasil, incorporando personagens, eventos e, acima de tudo, projetos de país suprimidos nos últimos duzentos anos. Ao problematizar a narrativa da história do Brasil e ao expandir e complexificar os olhares sobre nosso passado, acreditamos que abrimos um campo para a protagonismo dos/das estudantes que podem se apropriar do processo de construção do conhecimento, como de intervenção do nosso processo histórico.



Leitura dos documentos

Quando se estuda a história da cidade de São Paulo há, frequentemente, a valorização do crescimento econômico proporcionado pela exportação do café e pela industrialização entre o fim do século XIX e início do século XX. Realmente, foi muito significativo o desenvolvimento que desencadeou o processo de implantação da infraestrutura urbana naquele contexto, Petrone Pasquale 1955 informa que, em 1901 existiam 92 fábricas na cidade e, em 1921 já eram 2 000 estabelecimentos, principalmente nos bairros em regiões de várzea do rio Tamanduaí, perto das linhas férreas, como o Brás, a Mooca e o Belenzinho, empregando cerca de 70 000 mil operários. Esse desenvolvimento econômico, desencadeador de riquezas, não foi, contudo, compartilhado com as pessoas que trabalhavam nas fábricas. A população nacional e estrangeira, que trabalhou na cidade, enfrentou, naquela época, grandes dificuldades para obter boas condições de moradia. As vilas operárias eram raras e os preços das casas de aluguel eram altos, diante das remunerações pagas aos trabalhadores.

Considerando esse cenário, o presente Kit Didático propõe questionamentos a respeito da qualidade de vida da população pobre em São Paulo, entre 1890 e 1940 a partir de uma seleção de documentos daquela época que, quando analisados criticamente, contam as dificuldades das famílias nos espaços onde moravam. Enquanto a riqueza das indústrias era canalizada para embelezar e reorganizar o centro antigo e determinados espaços da cidade em expansão, as famílias operárias não eram beneficiadas pela moderna urbanização. Tais famílias habitaram as regiões que foram se constituindo como periferias da cidade, em habitações coletivas, sobretudo os cortiços, foco dos documentos aqui apresentados.

Estima-se que, em 1904 um terço das habitações de São Paulo eram cortiços e, em 1934 um estudo apontou que essas eram as habitações predominantes em todos os bairros populares da cidade Kowarick 1994. Os cortiços eram formados pela divisão de um lote de terreno em diversos quartos, onde, em geral, as famílias e indivíduos dividem cômodos, banheiro, torneiras, tanques e outras

áreas comuns. Tais locais agregavam todo o tipo de trabalhador, considerando a heterogeneidade da São Paulo daquele momento desde os imigrantes de diferentes nacionalidades até mestiços, caboclos e afrodescendentes, alguns ex-escravizados.

O **primeiro documento** proposto para o debate é o *Relatório da Comissão de Exame e Inspeção das Habitações Operárias e Cortiços no Distrito de Santa Efigênia* produzido entre 1893 e 1894. Nele, constatamos que havia o reconhecimento de que as condições de vida das habitações operárias deveriam ser reguladas pelo poder público havia a preocupação com a vida nos cortiços os cortiços tomavam conta progressivamente de determinados bairros da cidade eram espaços onde epidemias se instalavam e a sugestão do relator de proibir “esse abuso”, ou seja, proibir a criação e permanência dos cortiços. De algum modo, a municipalidade detectava o problema do crescimento da população pobre na cidade, sabia que essas famílias não tinham outro local para morar e, mesmo assim, enfrentava a questão com propostas de coerção e punição.

Os cortiços eram, então, as principais habitações das populações pobres da cidade no final do século XIX e início do XX. Mas, como eram fisicamente esses espaços de moradia? No **segundo documento**, apresentamos uma descrição dos cortiços feitas pelo historiador Richard Morse, que teve acesso ao Relatório apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo

intendente municipal Cesário Ramalho da Silva de 1893. Para ampliar a compreensão sobre tais espaços e a vida de seus habitantes, apresentamos outros documentos algumas fotografias a planta de um cortiço.

Em seguida, temos o *Código Sanitário estipulado pela Assembleia Legislativa de São Paulo* através do Decreto nº 233 de 02-03-1894. Esse documento revela que os cortiços eram alvos de fiscalização e regulamentação, definindo os critérios de insalubridade das habitações, em geral correspondentes às realidades vividas nos cortiços. Apesar da existência de uma legislação municipal, décadas depois, um texto do jornal “Progresso” publicado por escritores negros (a chamada “imprensa negra”) em 1929 com o título *Crise de Habitação* mostra que o problema das más condições sanitárias nas habitações ainda permanecia.

Naquele mesmo ano, o jornal “A Plebe” um periódico ligado ao movimento operário, publicou um artigo intitulado *Opulência e miséria* nosso **sétimo documento**. Nele, os trabalhadores fazem críticas ao projeto urbano do Estado, contrapondo a modernização e os investimentos em edifícios ricos e monumentais no centro da capital com o abandono dos bairros e moradias populares.

Seguindo o argumento dos militantes de “A Plebe” propomos um exercício de localização de alguns cortiços na cidade, demonstrando que as moradias operárias encontravam-se fora do perímetro do centro moderno

Para isso, são apresentados pequenos textos publicados em jornais do início do século XX, sobre acontecimentos envolvendo os habitantes desses espaços. A partir dos endereços fornecidos por esses excertos, é possível localizar os cortiços na planta *São Paulo Monumental*. Originalmente digitalizado pelo *Arquivo Público do Estado de São Paulo*, o documento pode ser visualizado em detalhes e ampliado com o uso do QR Code.

Até o momento foi possível ter uma dimensão das grandes dificuldades da vida nos cortiços. Porém, o viver coletivo também incluía situações de ajuda mútua entre os moradores. Como exemplo, apresentamos dois documentos: o relato de Dona Flora, idosa negra moradora de cortiço, coletado pela antropóloga Teresinha Bernardo e o episódio de uma ação coletiva dos moradores contra as vigilâncias e abordagens da polícia, narrado por um habitante de cortiço aos jornalistas do periódico ítalo brasileiro “*Fanfulla*” datado de 1913.

Para debater quais eram e como aconteciam as lutas operárias por melhores condições de vida no tema da moradia popular, apresentamos outros dois documentos: um artigo do jornal operário “*A Plebe*” que inclui a diminuição do preço dos aluguéis entre as

reivindicações da famosa *Greve Geral de 1917* e um anúncio publicado no mesmo jornal, datado de 1920 convocando os trabalhadores para as mobilizações em torno da *Liga dos Inquilinos ao Povo*, movimento coletivo que pautava a questão da moradia e o preço dos aluguéis.

A desigualdade social na cidade de São Paulo permaneceu ao longo dos séculos. Os cortiços passaram a conviver com os barracões nas favelas e com as casas de autoconstrução nas bordas de uma cidade que se expandiu cada vez mais horizontalmente, alargando suas periferias. Ao mesmo tempo, as políticas públicas permaneceram vinculadas ao princípio da propriedade privada, limitando o acesso das famílias das camadas mais pobres à moradia digna. Essa conexão com o presente permite questionamentos a partir da realidade dos estudantes. O que eles pensam sobre o assunto? Quais suas propostas para modificar essa realidade? Onde moram? Como qualificam as condições de suas próprias moradias? Conhecem grupos que fazem reivindicações coletivas sobre a questão de moradia como os que foram abordados nos documentos? Quais outras formas de luta por moradia os estudantes conhecem?

Bibliografia de Apoio

1. ARAGÃO, Solange SOUZA, Thais. A cidade de São Paulo do século XIX e os cortiços de Santa Ifigênia. **Revista Restauro** v. 2 n. 4 2018. Disponível em: <http://web.revistarestauro.com.br/a-cidade-de-sao-paulo-do-seculo-xix-e-os-corticicos-de-santa-ifigenia-1893>. Acesso:em 26 de outubro de 2020.
2. CORDEIRO, Simone Lucena (org.). **Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitarianismo e urbanização**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010,
3. KOWARICK, Lúcio; ANT, Clara. Cem anos de promiscuidade: o cortiço na cidade de São Paulo; ROLNIK, Raquel. São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política. In: KOWARICK, Lúcio (Org.). **As lutas sociais e a cidade**. São Paulo:passado e presente. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
4. PASTORE, Victor. **Imprensa negra e imprensa operária: experiências, diálogos e tensões entre trabalhadores negros e imigrantes na São Paulo do pós-abolição (1915-1932)**. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020.
5. PETRONE, Pasquale. A cidade de São Paulo no século XX: São Paulo transforma-se em metrópole industrial. **Revista de História**, São Paulo, v. 6, n. jan./jun. 1955, p. 127-170, 1955.
6. WISSENBACH, Maria Cristina. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível; MARTINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau(Org.). **História da vida privada no Brasil**, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Proposta didática

Documento 1

- 1) Leia o documento 1.
 - a) Que tipo de documento é esse (carta, decreto, diário...)?
 - b) Quem o escreve? Qual o seu objetivo?
- 2) Quais os tipos de construções descritas no texto? Como estão sendo utilizadas?
- 3) O que seria o abuso citado no texto? Por que, segundo o autor do relatório, esse abuso ameaçava a cidade?
- 4) Qual a solução apontada pelo relatório para acabar com o abuso identificado? Quem seria o responsável indicado para contê-lo?
- 5) Qual a relação entre as epidemias e os cortiços?

Documento 2

- 6) Leia o documento 2.
 - a) O que está sendo descrito? Cite alguns adjetivos utilizados na descrição.
- 7) Quantas pessoas residiam em apenas uma moradia? Você acha que esse número de habitantes era adequado?
- 8) É possível imaginar quem habitava os cortiços?
- 9) Qual era o espaço compartilhado por todos os moradores?
- 10) O autor define o cortiço pela falta de alguns elementos. Quais são esses elementos?

Documento 3

- II) Observe o documento 3. Trata-se de uma série de fotografias:
 - a) Você identifica semelhanças entre as fotografias e a descrição do documento 2? Cite alguns exemplos.
 - b) É possível identificar convivência entre os moradores?
 - c) Quais as atividades realizadas pelos moradores nas áreas comuns dos cortiços?

Documento 4

12) Veja o documento 4.

- a) Que tipo de documento é esse?
- b) A qual propriedade o documento se refere? Qual o seu endereço?

13) O documento possibilita a verificação da organização interna dessa propriedade.

- a) Quais são os cômodos presentes na representação da propriedade?
- b) Quais as relações possíveis com as descrições presentes no documento 2 e 3?

Documento 5

14) O documento 5 é um decreto.

- a) Você sabe o que é um decreto?
- b) Qual a data do documento e qual o seu objetivo?

15) O texto define o que é um lugar insalubre.

- a) De acordo com o texto, quais são as características de uma habitação desse tipo?
- b) De que forma essas características estão presentes nas descrições do documento 2 e nas fotografias do documento 3?
- c) De acordo com o decreto, os cortiços podem ser considerados como locais insalubres?

16) Caso seja impossível melhorar as condições sanitárias das residências, qual a solução proposta pelo decreto?

17) O que você acha que acontecia com os habitantes dessas residências interditadas ou demolidas?

Documento 6

18) O documento 6 é um texto publicado no jornal “Progresso” no ano de 1929:

- a) Volte ao documento 5 e compare as datas entre o decreto e o texto publicado no jornal “Progresso”: a questão da superlotação nos cortiços deixou de existir após a legislação de 1894?
- b) O que o jornal está criticando? Qual a sua reivindicação?
- c) Pesquise sobre o Triângulo Histórico citado no texto. Em que região da cidade ele está localizado e que tipo de negócios existiam nela?
- d) Quem seriam “os nossos capitalistas” indicados ao fim do texto?

Documento 7

- 19) O documento 7 é um texto publicado pelo jornal “A Plebe”:
- O que o jornal critica? Qual sua reivindicação?
 - Quais são as duas visões de cidade apresentadas no texto?
 - Faça uma lista das construções monumentais citadas pelo autor.

Documento 8

- 20) Analise o conjunto de anúncios sobre os cortiços presente no documento 8.
- Quais são as principais temáticas noticiadas?
- 21) Há a identificação de vários estrangeiros ao longo dos anúncios. Qual a nacionalidade? Você sabe o que eles faziam em São Paulo?
- 22) Faça uma lista com os endereços dos cortiços e pesquise os bairros onde os mesmos estavam localizados.

Documento 9

- 23) O documento 9 é uma planta da cidade de São Paulo.
- Retome o endereço da propriedade do documento 4 e a lista de cortiços escrita na questão 22. Identifique todos eles na planta.
 - Identifique na planta os monumentos e estátuas, citados no documento 7, e o Triângulo Histórico, citado no documento 6.
 - Os cortiços e os monumentos são encontrados nas mesmas localidades da cidade? Quais as possíveis conclusões sobre a organização da cidade, em relação aos espaços onde as pessoas e grupos sociais habitavam e trabalhavam?

Documento 10

- 24) Leia o documento 10, um depoimento.
- De quem é a fala?
 - Quais são os pontos positivos e negativos relatados em relação ao lugar em que a entrevista mora?
- 25) Quais relações os moradores do cortiço estabeleciam entre si?

Documento 11

- 26) Observe o documento 11, um diálogo entre jornalistas e um morador de um cortiço:
- Quantas pessoas moram no cortiço descrito?

- b) Os jornalista acreditam que não seja possível viver em boas condições nesse cortiço. Qual a resposta do morador para isso?
- c) De acordo com essa resposta, você acredita que as pessoas moram em cortiços por opção ou por necessidade?
- 27) A polícia é uma instituição que presta serviços ao Estado. Qual era a atitude dos moradores do cortiço em relação à polícia? Ela conseguia interferir no cotidiano deles?
- 28) A partir do documento, como você acha que era a relação dos moradores do cortiço com o governo de São Paulo e as forças públicas? Por que a relação se dá dessa maneira?
- 29) A partir dos documentos 10 e 11, é possível dizer que havia relações de solidariedade entre os moradores do cortiço? Se sim, descreva quais são elas em cada um dos documentos.

Documento 12

- 30) Leia o documento 12, escrito durante o período de uma grande greve dos trabalhadores da cidade de São Paulo:
- a) Que tipo de documento é esse?
- b) Observe o título da publicação. Quem são os autores da reclamação?
- c) Quais são as reclamações e as propostas de melhorias em relação à questão da moradia?
- 31) O Estado é mencionado na publicação.
- a) Descreve de que maneira ele é mencionado e qual a sua atitude perante as reivindicações.
- b) A relação dos operários com o Estado se parece com a relação dele com os moradores do cortiço no documento 11?
- c) A atitude dos moradores descrita no documento 11 e as reclamações publicadas do documento 12 podem ser consideradas formas de reação às situações?

Documento 13

- 32) O documento 13 é um panfleto publicado inicialmente no jornal “A Plebe”:
- a) Qual é a função de um panfleto?
- b) Quem são os autores? A quem o panfleto é direcionado?
- c) Quais são as reclamações apresentadas e quais as ações propostas para resolver os problemas?

33) Os autores dizem ser explorados:

a) Quem você acha que comete essa exploração?

b) O conteúdo do panfleto pode ser considerado uma forma de resistir à essa exploração? Explique.

34) A mobilização coletiva frente às diversas dificuldades, identificada nos documentos 11, 12 e 13, é uma ferramenta válida para reverter as situações?

35) Você identifica na sua cidade, nos dias de hoje, tipos de moradia como os cortiços? Ainda existem pessoas e famílias vivendo em situações parecidas? Se sim, porque acha que essas moradias continuam existindo?

36) Os espaços da cidade de São Paulo hoje (ou da sua cidade) possuem divisões parecidas com as do período estudado? Quais grupos sociais moram nas diferentes regiões e como são essas regras em termos de moradia, infraestrutura e investimento do governo?



Documento 1

Relatório da Comissão de Habitação Operária de 1893:

“O poder municipal principalmente deve, no caso [ilegível], para salvar a cidade ameaçada em sua prosperidade e futuro, adotar as medidas mais enérgicas com vistas a **coibir** o abuso que se generaliza na parte mais nova e mais densamente povoada da região urbana. Os cortiços ou estalagens, as casas de dormida, os prédios transformados em hospedarias, as vendas ou trocas, quase todas com aposentos no fundo para aluguel, os hotéis de 3ª e 4ª ordem, transformados em cortiços, eis o que se vê a miúdo no bairro onde a epidemia mais alastrou e onde tudo nos faz crer que a tendência para tal abuso aumenta em vez de diminuir (...). O poder municipal, auxiliado pelo governo do Estado, cumpre intervir energicamente para fazer cessar esse abuso”.

Glossário

Coibir: impedir; reprimir; causar inibição.

MOTA, Cesário. Relatório da Comissão de Exame e Inspeção das Habitações Operárias e Cortiços no Distrito de Santa Efigênia, 1893-1894.. Retirado de: LEMOS, Carlos. Os primeiros cortiços paulistanos. In: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (coord.). **Habitação e cidade**. São Paulo: FAU-USP: FAPESP, 1988.

Documento 2

“Um cortiço típico, tal como foi revelado pela pesquisa municipal de 1893, ocupava o interior de um quarteirão, onde o terreno era, geralmente baixo e úmido. Era formado por uma série de pequenas moradias em torno de um pátio **exíguo** ao qual vinha ter, da rua, um corredor longo e estreito. A moradia média abrigava de 4 a 6 pessoas, embora suas dimensões raramente excedessem 3 metros por 5 ou 6, com uma altura de 3 a 3,5 metros. Os móveis existentes ocupavam um terço do espaço. O cubículo de dormir não tinha luz nem ventilação; superlotado, à noite era “**hermeticamente** fechado”. Exceto nos cômodos de pessoas naturais do norte da Europa; o soalho ficava tão incrustado, de lama, que não se viam as tábuas: a umidade do solo onde elas repousavam fazia descascar o papel ordinário e liso das paredes. Estas e os tetos eram pretos de sujeira de moscas e da fumaça do fogão que a chaminé mal feita e mal conservada não eliminava convenientemente.

As paredes com quadros de mau gosto têm o reboco ferido por uma infinidade de pregos e tornos de que pendem vários objetos de uso doméstico e a roupa de serviço. Os móveis desagradavelmente dispostos têm sobre si empilhadas peças de roupa de lavar. O pátio principal fornecia às moradias que o rodeavam uma torneira **recalcitrante**, um lugar para lavar roupa e uma privada mal instalada. Ladrilhos e calhas geralmente não existiam.

Eram variações do cortiço: um prédio único (às vezes um sobrado modificado), excessivamente subdividido; o, hotel-cortiço de tipo dormitório; e barracões improvisados no fundo de estábulos e armazéns. Todos se caracterizavam por falta de ar, luz, espaço, limpeza, esgotos e solidez de construção”.

Glossário

Exíguo: insuficiente, escasso;

Hermeticamente: de modo hermético; completamente fechado (de modo que nem o ar possa entrar, nem o fumo ou vapor sair);

Recalcitrante: que não responde; não obedece; não funciona.

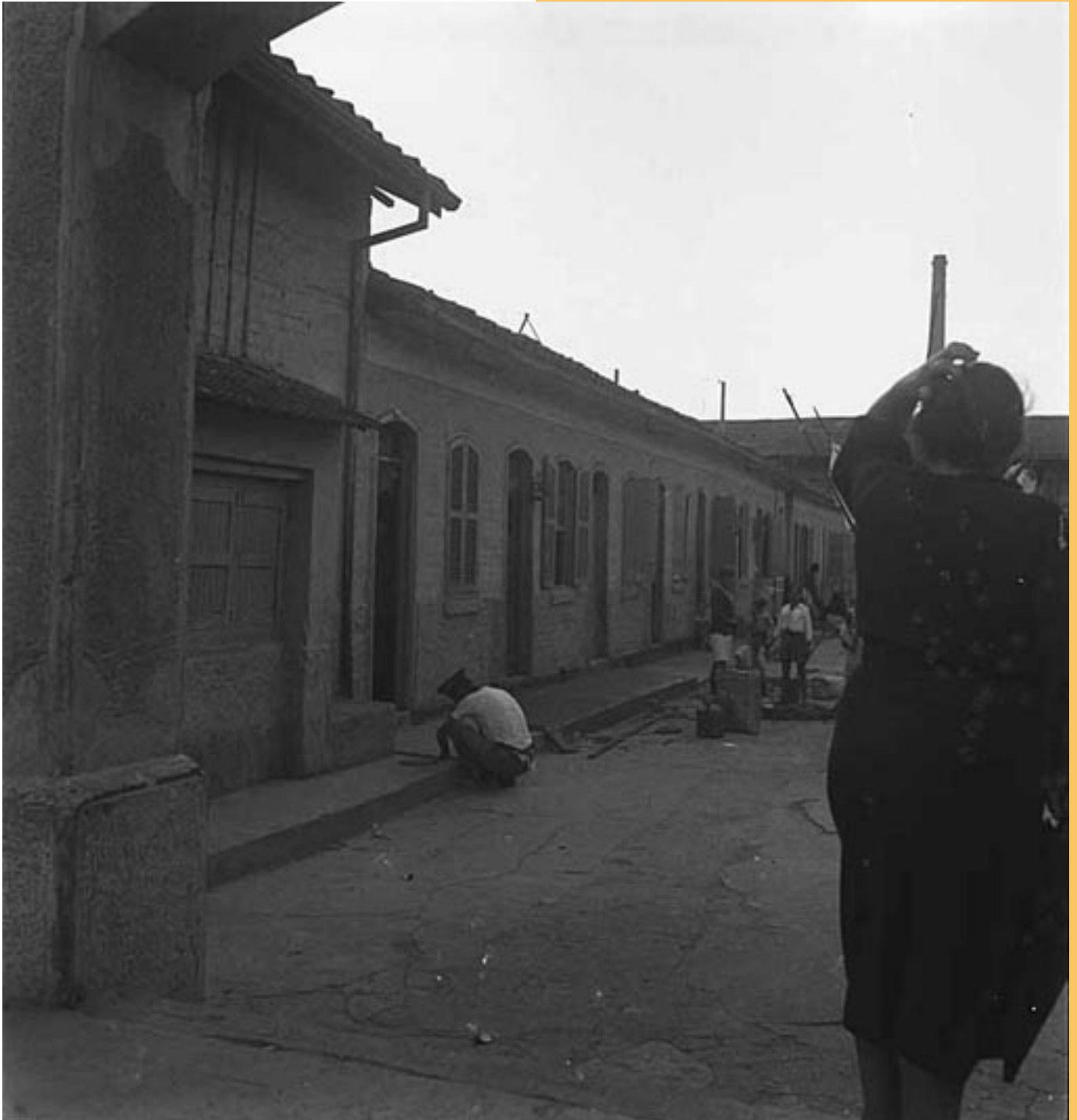
MORSE, Richard. **De comunidade à metrópole**. São Paulo: Irmãos Andrioli, 1953, p.210 e 211.

Documento 3



1.

Cortiço localizado na Av. 9 de Julho. Benedito Junqueira Duarte, 1930. Disponível em: <http://www.acervodacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=439979>. Acesso em: 26 de Fevereiro 2021.



Cortiço. Acervo fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo. Sebastião de Assis Ferreira, 1920-1950. Disponível em: <http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=470246>. Acesso em: 26 de Fevereiro 2021.

Documento 3

3.



Cortiço. Acervo fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo. Sebastião de Assis Ferreira, 1920-1950. Disponível em: <http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=470327> Acesso em: 26 de Fevereiro 2021.

Documento 3



4.

Complexo formado por quatro cortiços - Navio Parado, Vaticano, Geladeira e Pombal - entre as ruas Japurá, Santo Amaro e Jacareí, na região do Bexiga, em 1940. In: CORDEIRO, Simone. Moradia popular na cidade de São Paulo (1930-1940) - Projetos e ambições. **Histórica (São Paulo Online)**, v.1, p. 1, 2005, p. 8.

Documento 4



Planta do “Hotel do Trentino”

Propriedade de Maria Mativier (Madame Olivier)

Rua Santa Ephigenia, nº 87

Legenda:

Quarto Depósito
Passagem

Quintal 8 Quartos

Quarto Sala

Sala Sala

Negócio

[Frente da Construção - Rua]

Arquivo Histórico de São Paulo. Obras Particulares, Livro 178, 1897. Disponível em: <http://web.revistarestauro.com.br/a-cidade-de-sao-paulo-do-seculo-xix-e-os-corticos-de-santa-efigenia-1893/> Acesso em: 13 de Outubro 2020

Acesse a imagem inteira:



Documento 5

DECRETO N. 2.141. DE 14 DE NOVEMBRO DE 1911

Regulamento do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo

CAPÍTULO IX: DAS HABITAÇÕES EM GERAL

Artigo 256 - Nenhuma construção deverá ser iniciada sem planta organizada de accôrdo com as dispoições das leis sanitarias.

Artigo 293 - São consideradas habitações collectivas as casas que abrigarem ou servirem de dormitorio, ainda que temporario, a varias famílias ou a muitas pessoas de familias differentes

Artigo 294 - O numero de moradores das habitações collectivas deverá ser proporcional às dimensões do predio e à natureza do estabelecimento

Artigo 295 - Haverá uma latrina para cada grupo de vinte individuos e os banheiros e lavabos indispensaveis.

Artigo 296 - As divisões de taboas só serão permittidas em casos muito especiaes, a juizo da auctoridade sanitaria.

Artigo 297 - Nas casas de habitaçõa collectiva para operarios é obrigatoria a construcção de tanques de lavagem, em numero suficiente.

Artigo 298 - As casas de aluguel que não estiverem em condições de salubridade deverá soffrer os necessarios reparos ou desinfecções, sob pena de multa de cinquenta mil réis, e interdição do predio.

Artigo 299 - O predio que não fôr saneavel será interdicto para ser reconstruido.

Glossário

Latrina: Compartimento dotado de vaso sanitário.

SÃO PAULO. Decreto nº 2.141, de 14 de novembro de 1911. Artigos 256 e 293-299. Reorganiza o Serviço Sanitário do Estado. Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1911/decreto-2141-14.11.1911.html> Acesso em: 13 de agosto 2020

CRISE DE HABITAÇÃO

O elevado preço de casas, está alarmando o alto comércio da Cidade.

Quando os fortes negociantes do Triângulo gritam, façamos uma ideia de que vae pelos bairros pobres, onde num quarto pouco maior de que um ovo, ou num escuro porão, residem numerosas famílias, pagando por elles um alúguel prohibitivo.

Achamos que, S. Paulo, subindo de hora em hora, deveria na sua desenfreada escalada aos céos, ir olhando para os pobres, e para os pobres que necessitam de um lugar decente para repousar o afadigoso labor quotidiano.

Possuimos terrenos de sobra para extendermos a Piratininga por todos os lados. Nesse prolongamento acaso não ficariam bem alguns bairros com casas modestas?

Pensem sobre o assumpto os nossos capitalistas.

Glossário

Desenfreada: sem freio; imoderado; furioso.

Afadigoso: que causa fadiga; cansativo.

Labor: trabalho;

Piratininga: antigo nome da cidade de São Paulo

Documento 7

Opulencia e miseria

Em S. Paulo, já estão construídos ou em vias de construção inúmeros edifícios que, sem negar a parte deles sua inteira inutilidade, poderiam esperar ocasião mais oportuna, pois que quem esperou até agora, do mesmo modo se iria remediando alguns anos mais.

Construiu-se o Teatro Municipal, cuja função permanente é papel de ornamento, visto quasi todo o ano ficar ás moscas, não podendo tambem ser frequentado pelo povo miúdo quando dá seus espetáculos.

A Penitenciaria está se ultimando e, com franqueza, se nunca se tivesse começado, nada se perderia, pois o povo já tem cadeias de mais e prescindiria de bom grado desses odiosos carcereiros onde só os desgraçados é que vão penar, sofrer, enlouquecer.

O Palacio das Industrias, que já parece as obras de Santa Engracia, lá se vai arrastando a caminho da sua finalização. A Catedral está tambem surgindo no largo da Sé, com suas grossas muralhas, como que afrontando os seculos vindouros na sua missão de resistencia e de embrutecimento.

O Palacio da Justiça burgueza, outro dia lançada a sua pedra fundamental, dentro em pouco ostentará em suas fachadas a simbolica mulher de olhos vendados, de balança em riste, e que, em sua cegueira, preferentemente fere só os lambarizinhos, deixando em paz e ás moscas os avançados dourados...

No entanto, a Camara Municipal está em casa de aluguel, onde paga por dia 600\$000, ou 18 contos mensais!... Isto, naturalmente, para favorecer o senhorio que, com certeza, deve ser pessoa de alto coturno.

Cada um dos edificios enunciados e muitos outros que estão já planejados, custaram ou vão custar muitas dezenas, talvez centenas de milhares de contos de réis. Numa época em que o pobre, o trabalhador útil e laborioso, não encontra uma casa,

um comodo para alugar... Sim, em S. Paulo, é mais facil achar-se agulha em palheiro do que uma casa vazia onde uma familia se possa abrigar e acomodar.

Fazem-se, constroem-se palacios mirabolantes, vistosos, custando rios de dinheiro e cujo fim principal é ostentar grandezas que não existem, enquanto o operario não tem onde se abrigue das intemperies, onde viva com a mulher e os filhos numa sã e racional higiene, e por um preço em conformidade com os seus ganhos.

Com o dinheiro empregado nesses grandes casarões, e cuja utilidade em alguns deles é nula, poder-se-iam construir milhares de casas que muito facilitariam a vida, a comodidade e o conforto dos trabalhadores, pondo por outro lado um entrave á exploração desenfreada dos senhores, que num crescendo assustador de onzenice não trepidam em cobrar os alugueis pelo duplo ou triplo do que seria razoavel.

Não, decididamente, esta situação é insustentavel. Deixem as construções espalhafatosas de lado e construam urgentemente casas de moradia, do contrario os trabalhadores não terão brevemente onde se abrigar, viverão ao relento!

DEMOCRITO.

Glossário

Ornamento: adorno; decoração; enfeite.

Prescindir: desistir da posse de algo; dispensar.

Cárcere: prisão; cadeia.

Coturno: bota de cano alto e cordões, geralmente usada por militares.

Intempérie: tempestade; desgraça; adversidade infelicidade.

Onzenice: mesquinhez; cobrar com muitos juros.

Documento 8

Correio Paulistano – 19 de fevereiro de 1907

— A cozinheira Olivia Leopoldina, residente no cortiço da rua capitão Salomão n. 50, compareceu à presença do sr. capitão 2.º subdelegado do Sul da Sê, e queixou-se de que o italiano Vicente de tal, proprietário da casa em que reside, não quer restituir-lhe a quantia de 50\$000, producto das suas economias, que a queixosa lhe deu para guardar.

1.

Correio Paulistano – 30 de julho de 1907

Pagamento a pau

O italiano Alfredo Baragli, proprietário do cortiço situado à rua João Theodoro n. 40, aluga commodos do mesmo a diversos soldados, entre os quaes Agenor Dantas de Carvalho, anspeçada do 1.º esquadrão do Corpo de Cavallaria, que anda atrasado no pagamento dos alugueis.

Hontem, á tarde, Alfredo Baragli chamou a contas o inquilino, travando-se os dois de violenta altercação.

O anspeçada Agenor, ficando exasperado, avançou contra Alfredo Baragli e surrou-o, pelo que foi preso em flagrante, á disposição do sr. 1.º delegado em exercicio.

2.

Correio Paulistano – 15 de fevereiro de 1902

— Alfredo Sacco, morador em um cortiço á rua do Gazometro, 32, convidou a nacional Antonia de Paula Leite, solteira, moradora na mesma casa, a fugir com elle.

Como, porém, esta não accedesse á sua proposta, Alfredo Sacco a maltraton brutalmente, dando-lhe pontapés no ventre, sendo então preso á ordem do 2.º subdelegado do Braz e conduzido para o xadrez do posto policial da rua do Gazometro.

3.

Correio Paulistano — 23 de marco de 1907

Fogo

Hontem, às 9 e meia da noite, o italiano Miguel Consentino, casado com Carolina Nuddi, morador no grande cortiço situada á rua de S. Nicolau n. 10, onde tambem moram cêrca de quarenta familias, riscou um phosphoro para accender o cachimbo, e atirou-o fóra.

O phosphoro foi cahir sobre um monte de roupas sujas, incendiando-as.

O italiano Miguel Consentino immediatamente procurou abafar o fogo, o que conseguiu, porém a grande quantidade de fumaça chamou a attenção de populares, dentro do cortiço estabeleceu-se extraordinaria gritaria, cuidando cada um da salvação dos seus moveis e roupas, tudo em meio de confusão e panico.

Ao local compareceu o sr. dr. Theophilo Nobrega, 2.º delegado, que acalmou os animos, fazendo os moradores da casa recolherem o que já tinham posto no seguro para evitar a acção destruidora do fogo.

4.

5.

CORREIO PAULISTANO—29 DE MARÇO DE 1882

VENDE-SE uma boa casa na rua de Santa Ephigenia e um cortiço muito rendoso na rua do dr. Dutra Rodrigues. Trata-se na rua do Carmo n. 71.

Correio Paulistano. 14 de janeiro 1910

Amante brutal

Num cortiço da rua da Gloria. — Ferimento grave — Prisão em flagrante

O italiano Luiz Capezzi, de 50 annos de idade, recolhendo-se hontem, ás 7 e meia horas da noite no cortiço em que reside á rua da Gloria, encontrou sua amasia Maria Benedicta de Jesus, cahindo de ébria.

Irritado com o procedimento ignobil da amante, deu-lhe formidavel pancada na cabeça, com o cabo de metal do seu guarda chuva.

O sangue esguichou da testa de Maria, que se pôz a gritar desesperadamente.

Nesse momento appareceu o rondante da rua e effectuou a prisão do aggressor, que foi autuado no posto policial do Sul da Sé.

A offendida foi medicada na Central, sendo considerado grave o ferimento.

6.

O COMBATE

13 DE JANEIRO DE 1926

NUM CORTIÇO

UM DELLES, EM QUE
OS INQUILINOS PAGAM MAS NAO
PODEM BUFAR

O sr. Joaquim Lavrador é proprietario de um cortiço na Agua Branca, á rua Coriolano, 53, contra o qual, em carta, reclamam alguns interessados. E' a seguinte a missiva que, a proposito, recebemos:

"Sr. director do "Combate" — Venho pedir-vos o favor de levar a publico esta carta, na qual vae a minha revolta contra o cortiço na rua Coriolano n. 53, de propriedade de Joaquim Lavrador, o qual pensa que os inquilinos são seus escravos. Os moradores allí não podem nem sequer ir ao portão, que já mandam fechar, sob pena de ir para a rua e não ter mais entrada. Fecham-se por dentro e, quando de volta, se é obrigado a ficar fóra ou então bater até cansar. Isto não parece ser justo, pois elles pagam 55\$000 por um quarto alimentado, e, além disso, ainda correm perigo, pois que ha allí dois cachorros que são duas feras e, quando estão soltos ninguém pôde passar. Não é só. São mantidos allí tambem porcos, que são bravios e, quando soltos, é preciso fechar todas as crianças.

Vamos ver si, com esta, vem por aqui algum fiscal, disposto a agir, e não entre logo nos 10\$000. A agua empoçada, no quintal, solta uma fedentina que não se aguenta".

O COMBATE

13 de janeiro de 1926

NUM CORTIÇO

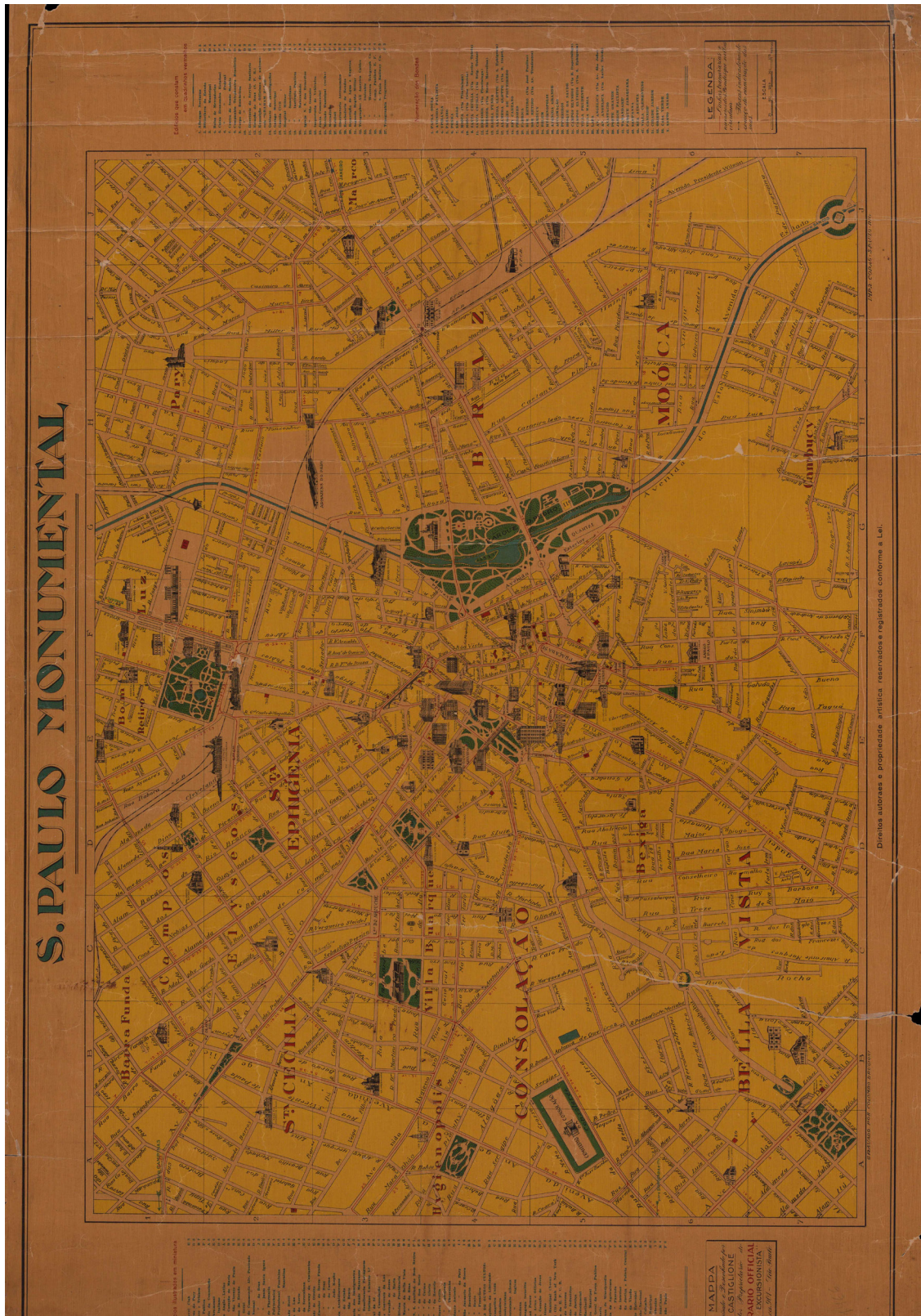
Um delles em que os inquilinos pagam mas não podem bufar

O sr. Joaquim Lavrador é proprietário de um cortiço na Água Branca, á rua Coriolano, 53, contra o qual, em carta, reclamam alguns interessados. É a seguinte a missiva que, a proposito, recebemos:

“Sr. Diretor do Combate - Venho pedir-vos o favor de levar a público esta carta, na qual vai a minha revolta contra o cortiço da rua Coriolano, n. 53, de propriedade de Joaquim Lavrador, o qual pensa que os inquilins são seus escravos. Os moradores dalli não podem nem sequer ir ao portão, que já mandam fechar, sob pena de ir para a rua e não ter mais entrada. Fecham-se por dentro e, quando de volta, se é obrigado a ficar fora ou então bater até cançar. Isto não parece ser justo, pois elles pagam 55\$000 por um quarto cimentado e além disso, ainda correm perido pois que ha alli dois cachorros que são duas feras e quando estão soltos ninguém póde passar. Não é só. São mantidos alli também porcos, que são bravos e quando soltos, é preciso fechar todas as crianças.

Vamos ver si, com esta, vem por aqui algum fiscal, disposto a agir, e não entre logo nos 100\$000. A agua empoçada, no quintal, solta uma fedentina que não se aguenta”.

Documento 9



SÃO PAULO MONUMENTAL. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/mapa_carto/BR_APESP_IGC_IGG_CAR_I_S_0288_001_001 Acesso em: 26 de Outubro 2020.

Documento 10

“No cortiço, todos sabiam tudo de nós, era uma coisa muito ruim, um banheiro para mais de trinta pessoas. Mas vou te dizer uma coisa, sempre fui sozinha, e no cortiço sempre tive quem olhasse meus filhos para que eu pudesse trabalhar”.

Relato de D. Flora, idosa negra.

BERNARDO, Terezinha. **Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo.**
São Paulo: EDUC, Ed. Unesp, 1998, p. 59.

Documento 11

“Desejando colher algumas informações sobre a vida do cortiço, dirigimo-nos a um mulato barrigudo, o tipo do valentão, que deveria ser o terror do lugar.

- Podeis dizer-me quantos são catorze e no outro doze.
- Certamente, patrão. Neste são catorze e no outro doze.
- Estão sempre alugados?
- Não há o bastante para satisfazer a todos os pedidos. Quando alguém se vai, o cômodo não fica vazio por mais de dois dias. A procura é grande.
- Qual é o aluguel de cada cômodo?
- Setenta mil-réis por mês. E não é caro. O preço das casas hoje é tão elevado que o senhor nem imagina. Uma casa bem minúscula vale mais do que 100 mil-réis. Aqui somente se paga por isso setenta e mais dez tostões pela água.
- Caramba - exclamamos e continuamos a perguntar.
- Sabeis, aproximadamente, quantas pessoas habitam aqui?
- Mais de duzentas entre grandes e pequenos.
- Como?
- É isso mesmo. Deve saber que em certos cômodos moram mais de dez pessoas.
- Mas não se pode viver entre tanta gente, nesse aperto.
- Pode sim senhor. A gente pobre não tem luxo, meu patrão, sentenciou o nosso interlocutor. [...]
- E a tranquilidade reina neste lugar?
- De quando em quando surgem desordens, pauladas e também algumas facadas. Raras vezes se mata gente. Felizmente, a polícia não se ocupa muito de nós porque aí então a desgraça seria maior, um verdadeiro desastre. Uma vez veio aqui um agente de polícia que queria meter o nariz nos nossos negócios. Um dia combinamos dar-lhe uma lição e lhe tiramos o São Benedito para que não mais voltasse.
- E qual foi o resultado
- Dos melhores. Como o senhor vê, nestes arredores não se enxerga nem sombra de policial. [...]

“II problema dell’abitazione: i ‘cortiços’”. **Fanfulla**, 03/04/1913. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. **A classe operária no Brasil (1889 - 1930)**: Documentos, v. 2. São Paulo: Alfa Omega, 1982, p. 96-99.

O QUE RECLAMAM OS OPERARIOS

E' o seguinte o memorial de reclamações apresentadas pelo Comité de Defesa Proletaria e que o proletariado continúa a sustentar.

Os representantes das ligas operarias, das corporações em grève e das associações politico-sociales que compõem o "Comité" de Defesa Proletaria, reunidos na noite de 11 de Julho, depois de consultadas as entidades de que fazem parte, expondo as aspirações não só da massa operaria em grève como as aspirações de toda a população angustiada por prementes necessidades, considerando a insufficiencia do Estado no providenciar de outra fórma que não seja pela repressão violenta, tornam publicos os fins immediatos que a actual agitação se propõe, formulando da maneira que segue as condições de trabalho que, opportunamente, serão examinadas nos seus detalhes:

4.o) Que os alugueis das casas, até 100\$000, sejam reduzidos de 30 %., não sendo executados nem despejados por falta de pagamento os inquilinos das casas cujos proprietarios se opponham aquella redução.

A LIGA DOS INQUILINOS AO POVO

Perante a exploração ignobil em que dia a dia nos vemos expoliados, perante o aumento assustador, sempre crescente, dos alugueis de casas, pedimos ao povo e ao operariado em geral, como também a todos que pagam alugueis, a comparecer ás reuniões que se estão realizando por toda a cidade, para discutirmos e orientarmos, do melhor modo, sobre o caminho que devemos trilhar perante a exploração de que somos vitimas.

Companheiros! Homens que pagais alugueis de mansardas! E' hora de pormos um dique a tudo isto!

Vós que labutais desde de manhã ao despontar da aurora, até ao pôr do sol, dando o vosso sangue por poucos niqueis, para alimentar-vos com a vossa familia, chegado o fim do mez vereis que esses niqueis não bastam para pagar essas mansardas sem ar, sem luz e sem higiene mais proprias para irracionais, do que para nós!

Pois bem, companheiros! Formemos um baluarte desta Liga, uma só força e, assim, todos reunidos, protestemos bem alto contra a exploração que somos vitimas!

Accorrei, companheiros! Que ninguem talte ás nossas reuniões!

A Comissão Organizadora.

Glossário

Ignóbil: que não tem nobreza de caráter; desprezível; vergonhoso.

Espoliados [expoliados]: tomado à força; desapossado com violência;

Mansardas: casa pobre;

Baluarte: fortificação; apoio; local onde se reúnem os defensores de uma ideia.